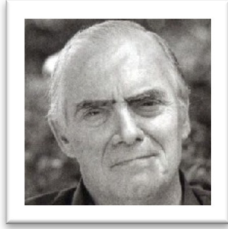


CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS

Dia Mundial da Poesia – 21-03-2022

A justiça poética



Poesia com procuração passada – Homenagem ao advogado e poeta António Osório de Castro (1933-2021)

Exmo. Senhor Juiz Conselheiro João Manuel da Silva Miguel, Director do CEJ

Exmo. Senhor Juiz Desembargador José Eduardo Sapateiro, Director-Adjunto
do Centro de Estudos Judiciários

Exmo. Senhor Juiz Conselheiro Tibério Silva

Exma. Senhora Procuradora-Geral Adjunta Julieta Monginho

Exmos. Senhores Juízes, Magistrados do MP, Advogados e outros profissionais
forenses

Os meus cordiais cumprimentos aos membros da Mesa, aos familiares do
Dr. António Osório de Castro e a todos os participantes.

Antes de mais, agradeço o convite da Direcção do CEJ, formalizado pelo
Juiz Desembargador José Eduardo Sapateiro.

É com prazer que volto ao CEJ, onde durante anos participei em acções de
formação da Ordem dos Advogados (OA) e em Júris de exames de
admissão, além de diversas Conferências.

1. É uma honra participar na homenagem ao Bastonário da OA e poeta
António Osório de Castro, falecido em 18/11/2021, que conheci
pessoalmente. Também, participei na homenagem que lhe foi prestada na
Universidade do Algarve, em 18 de Novembro de 2005.

Começo por relevar a sua preocupação com a cooperação entre magistrados e advogados:

“A administração serena da justiça passa pela boa qualidade dos magistrados e advogados. Mais: por uma atmosfera de simpatia e de confiança, de lealdade e respeito recíproco entre eles”(**“O Concerto interior”** – 2010).

Relativamente à poesia, saliento a frase retirada do mesmo livro: *“Prefiro que continuem em coabitação o Direito e a Poesia, que são coisas dignas de andarem lado a lado”*.

Embora a sua obra poética não reflecta, prioritariamente, a sua preocupação com a justiça, não há dúvida que lutou contra a injustiça, que continua a afectar milhares de pessoas.

Mantém-se actual a sua concepção da poesia, que *“terá de ser um refúgio contra a voragem tecnocrática ...”* e *“uma forma de não se submeter mas de se indignar, de estar ao lado dos humilhados, uma afirmação humanista”* (**“O Concerto interior”** – 2010).

No entanto, a família, em particular a mãe florentina, é que assumiu uma importância fundamental na sua poesia.

Neste tempo conflituoso, não posso deixar de salientar o gesto solidário da mãe ao ter feito chegar aos familiares italianos, durante a II Guerra Mundial, carne e manteiga dentro de latas de conserva.

A título exemplificativo, passo a recitar, parcialmente, o poema **“Mãe que levei à terra”**:

Mãe que levei à terra
como me trouxeste no ventre,
que farei destas tuas artérias?
Que medula, placenta,
que lágrimas unem aos teus
estes ossos? Em que difere
a minha da tua carne?

Mãe que levei à terra
como me acompanhaste à escola,
o que herdei de ti
além de móveis, pó, detritos
da tua e outras casas extintas?
Porque guardavas
o sopro de teus avós?

Mãe que levei à terra
como me trouxeste no ventre,
vejo os teus retratos,
seguro nos teus dezanove anos,
eu não existia, meu Pai já te amava.
Que fizeste do teu sangue,
como foi possível, onde estás?

Casa das Sementes - 2006

Era, também, uma pessoa solidária, conforme pude testemunhar. Pediu-me para ajudar a sua porteira a resolver um litígio com o condomínio do prédio que habitava.

2. Como disse a corajosa poetisa **Sophia de Mello Breyner Andersen**,

“o poeta é levado a buscar a justiça pela própria natureza da sua poesia. E a busca da justiça é desde sempre uma coordenada fundamental de toda a obra poética” (Antologia – Arte Poética III – 1967).

No poema “**Catarina Eufémia**”, a ceifeira que foi assassinada no dia 19 de Maio de 1954, durante uma greve contra a diminuição de salários, a mesma poetisa homenageou-a com os seguintes versos:

O primeiro tema da reflexão grega é a justiça

E eu penso nesse instante em que ficaste exposta

Estavas grávida porém não recuaste

Porque a tua lição é esta: fazer frente

Pois não deste homem por ti

E não ficaste em casa a cozinhar intrigas

Segundo o antiquíssimo método oblíquo das mulheres

Nem usaste de manobra ou de calúnia

E não serviste apenas para chorar os mortos

Tinha chegado o tempo

Em que era preciso que alguém não recuasse

E a terra bebeu um sangue duas vezes puro

Porque eras a mulher e não somente a fêmea

Eras a inocência frontal que não recua

Antígona poisou a sua mão sobre o teu ombro no instante em que morreste

E a busca da justiça continua

Sophia de Mello Breyner Andersen – *Dual* – 1972

No poema “**A Paz sem vencedor e sem Vencidos**”, fez o seguinte apelo, de flagrante actualidade:

Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos
A paz sem vencedor e sem vencidos
Que o tempo que nos deste seja um novo
Recomeço de esperança e de justiça
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Erguei o nosso ser à transparência
Para podermos ler melhor a vida
Para entendermos vosso mandamento
Para que venha a nós o vosso reino
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

Fazei Senhor que a paz seja de todos
Dai-nos a paz que nasce da verdade
Dai-nos a paz que nasce da justiça
Dai-nos a paz chamada liberdade
Dai-nos Senhor a paz que vos pedimos

A paz sem vencedor e sem vencidos

(Dual – 1972)

3. A justiça sempre foi uma preocupação dos escritores.

Já no Século VI a.c., **Lao Zi** escreveu:

Quando o governo procede com justiça

O povo é honesto e leal

Quando o governo é discriminativo

O povo sofre e revolta-se

É na miséria que a fortuna se apoia

É atrás da fortuna que a miséria se esconde

Que resultará destas divergências?

Que na verdade, não há justiça

A justiça pode sempre tornar-se injusta

E o que é bom pode sempre voltar a ser mau

E o povo pode, por isso

Por muito tempo ficar desiludido

Por isso

O sábio procedendo correctamente

Nunca actua de maneira drástica

Nem marginalizará ninguém

É justo, mas não agressivo

Brilhante sem a ninguém ofuscar.

(O Livro de TAO)

O **Abade de Jazente** (Paulino António Cabral de Vasconcelos – 1719 - 1789), escreveu um poema sobre a demora da justiça:

CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS

Dia Mundial da Poesia – 21-03-2022

A justiça poética

Citado o réu, a Acção distribuída,
Oferece-se o libelo na audiência;
Entra logo uma cota, uma incidência,
Apenas em dez anos discutida.

Contraria-se tarde; ou recebida
Uma excepção, faz nova dependência:
Crescem as dilações, e a paciência,
Uma das partes perde, ou perde a vida.

Habilita-se um filho, outro demora;
E de novos artigos na disputa,
Mais se dilata a causa, ou se empiora.

Contudo põe-se em prova, ou circunduta,
Em casa do Escrivão bem tempo mora,
E se há sentença enfim, não se executa.

Parafraseando o poeta **Manuel Alegre** :

*“Eu sei que pouco vale a poesia
mas sem poesia a vida o que valia?”*

(Quando – 2020)

4. Recordo-me de um julgamento no Tribunal de Oeiras, em que os pais disputavam o exercício das responsabilidades parentais.

CENTRO DE ESTUDOS JUDICIÁRIOS

Dia Mundial da Poesia – 21-03-2022

A justiça poética

Como advogado da mãe, não resisti a invocar **Almada Negreiros**, nascido em São Tomé, que, apenas com 8 anos, foi obrigado a viver com o pai em Portugal.

No poema “**Mãe**”, escreveu:

Mãe!

Vem ouvir a minha cabeça a contar histórias ricas que ainda não viajei!

Traz tinta encarnada para escrever estas coisas!

Tinta cor de sangue, sangue verdadeiro, encarnado!

Mãe! passa a tua mão pela minha cabeça!

Eu ainda não fiz viagens e a minha cabeça não se lembra senão de viagens!

Eu vou viajar. Tenho sede! Eu prometo saber viajar.

Quando voltar é para subir os degraus da tua casa, um por um.

Eu vou aprender de cor os degraus da nossa casa. Depois venho sentar-me ao teu lado.

Tu a coseres e eu a contar-te as minhas viagens, aquelas que eu viajei,

tão parecidas com as que não viajei, escritas ambas com as mesmas palavras.

Mãe! ata as tuas mãos às minhas e dá um nó-cego muito apertado!

Eu quero ser qualquer coisa da nossa casa. Como a mesa.

Eu também quero ter um feitio que sirva exactamente para a nossa casa, como a mesa.

Mãe! passa a tua mão pela minha cabeça!

Quando passas a tua mão na minha cabeça é tudo tão verdade!

(A Invenção do Dia Claro – 1921)

Felizmente, a criança foi confiada à guarda da mãe, como era de elementar justiça.



5. Há cerca de 15 anos, no final das alegações dum julgamento no Tribunal da Horta, situado em frente ao mar, em que uma trabalhadora com “recibos verdes” pedia o reconhecimento do seu contrato de trabalho e, por isso, tinha sido ameaçada com a transferência para Ponta Delgada, não resisti a citar uns versos da poetisa Sophia de Mello Breyner Andersen:

*“Quando eu morrer voltarei para buscar
os instantes que não vivi junto do mar”.*

A juíza expressou um sorriso irónico, mas a acção foi julgada procedente e a trabalhadora continuou a residir na freguesia de “Flamengos” e a trabalhar para os CTT com o contrato de trabalho a que tinha direito.

6. A justiça foi sempre uma preocupação dos escritores:

a) Cícero - *Quanto mais lei, menos justiça.*

b) Padre António Vieira – *Quando se procede contra partes não ouvidas, ainda que se pronuncie o que é justiça, sempre se procede sem justiça.*

c) Pascal – *A justiça sem força é importante; a força sem justiça é tirânica.*

d) Jean de La Bruyère – *Uma coisa essencial à justiça que se deve aos outros é fazê-la prontamente e sem adiamentos; demorá-la é injustiça.*

e) **Camus** – *Se o homem falhar em conciliar justiça e liberdade, então falha tudo.*

7. A própria Bíblia está recheada de referências à justiça. Eis alguns exemplos:

*“A justiça engrandece a nação,
mas o pecado é uma vergonha
para qualquer povo.*

[Provérbios 14:34](#)

*Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça,
pois serão satisfeitos.*

[Mateus 5:6](#)

*“Assim, mantenham-se firmes, cingindo-se com o cinto da verdade,
vestindo a couraça da justiça”*

[Efésios 6:14](#)

8. A nossa Constituição define a função jurisdicional no artigo 202º, nº 2:

“Na administração da justiça incumbe aos tribunais assegurar a defesa dos direitos e interesses legalmente protegidos dos cidadãos, reprimir a violação da legalidade democrática e dirimir os conflitos de interesses públicos e privados.”.

Segundo o seu artigo 207º:

“2. A lei poderá estabelecer a intervenção de juízes sociais no julgamento de questões de trabalho, de infrações contra a saúde pública, de pequenos delitos, de execução de penas ou outras em

que se justifique uma especial ponderação dos valores sociais ofendidos.

3. *A lei poderá estabelecer ainda a participação de assessores tecnicamente qualificados para o julgamento de determinadas matérias.”.*

Sem prejuízo do escrupuloso respeito pelas normas legais e constitucionais, a poesia poderá contribuir para a melhoria da qualidade da justiça!

Neste tempo de incerteza, lembro os versos do brasileiro Carlos Alberto Rodrigues Alves:

*Um dia a paz e a justiça
farão nascer da noite escura
o sol do novo dia.*

Citando um poema de Sebastião da Gama, admirado por António Osório:

Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos.
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,

ao que desconhecemos
e ao que é do dia-a-dia.
Chegamos? Não chegamos?
- Partimos. Vamos. Somos.

(O Sonho – 1924-1952),

Termino com um haiku (poema japonês de 3 versos) da minha mulher
Leonilda Alfarrobinha, sobre a esperança:

nuvens cor de cinza
desviadas pelo vento –
amanhã o sol.

Fausto Leite